

A CONVENÇÃO DAS AVES

*Vocês que moram na cidade e levam vidas pacíficas
não têm como saber se seus amigos atravessariam o inferno
por vocês. É aqui, no campo, que as amizades
têm a oportunidade de provar seu valor.*

William F. "Buffalo Bill" Cody



CAPÍTULO UM



Estávamos nas entranhas verde neon do mercado de peixes subterrâneo de Chinatown, agachados no canto de um beco sem saída cheio de tanques de siri, que vigiavam tudo com seus olhares alienígenas, em um bolsão de escuridão que a come-luz abria. Os capangas de Leo estavam por perto e com raiva. Ouvimos gritos e sons de coisas sendo quebradas enquanto o mercado era revirado na busca por nós.

— Por favor... — Ouvi uma senhora gemendo. — Não vi ninguém...

Percebemos tarde demais que aquele era um beco sem saída, e ficamos encurralados ali, ao lado de uma saída de esgoto, encolhidos na fenda estreita entre os crustáceos condenados à morte, presos em aquários empilhados em torres inclinadas que quase tocavam o teto. Sob o som dos gritos e de objetos sendo quebrados, mais baixo que nossa respiração entrecortada e cheia de pânico, havia o incessante batucar de garras de siri contra o vidro, como uma orquestra de máquinas de escrever quebradas abrindo um buraco na minha cabeça.

Pelo menos aquilo disfarçava a nossa respiração alta e ofegante. Talvez fosse o suficiente, se Noor conseguisse manter a escuridão e se os homens de passos pesados cada vez mais próximos não prestassem muita atenção à mancha escura que se remexia em um canto, quase como se a luz ao redor dela tremeluzisse. Era uma omissão do espaço, algo artificial, impossível de ignorar até pelo olhar mais distraído. Noor criara aquele bolsão de escuridão arrastando as mãos no ar à nossa volta, as sombras se avolumando conforme a luz se acumulava nas suas mãos, densa como chantilly. Ela enfiou os dedos luminosos na boca, e deu para ver o brilho através de suas bochechas, descendo pela garganta conforme engolia... até desaparecer.

Os homens estavam atrás dela, mas não se importariam em me levar também — ou, no mínimo, em me dar um tiro. A essa altura, com certeza já tinham encontrado H. morto no apartamento, os olhos arrancados por seu próprio etéreo. Mais cedo, naquele mesmo dia, ele e o etéreo tinham resgatado Noor da

fenda temporal de Leo — e, no processo, ferido alguns homens. O que talvez fosse até perdoável, com exceção de um probleminha: Leo Burnham, líder do Clã dos Cinco Distritos, fora humilhado. A peculiar feral que ele tomara para si tinha sido levada de sua própria casa, o centro de poder do coração de um império peculiar que se estendia por quase toda a Costa Leste dos Estados Unidos. Se me encontrassem ajudando na fuga de Noor, a sentença de morte estava garantida — isso sem considerar meus outros supostos crimes.

Os homens de Leo estavam cada vez mais perto, e seus gritos soavam mais altos. Noor continuava ajustando a escuridão que criara, suavizando as bordas entre o indicador e o polegar, para que o negrume não se espalhasse, e preenchendo a parte central, que se afinava aos poucos com a entrada de luz.

Queria poder ver o rosto dela, examinar sua expressão. Queria saber o que ela estava pensando, se estava bem. Era difícil imaginar como alguém tão novo naquele mundo podia suportar tamanha provação. Nos últimos dias, Noor tinha sido perseguida por normais, com seus helicópteros e dardos tranquilizantes, hipnotizada e sequestrada por um peculiar que a vendeu em um leilão e então libertada, apenas para ser capturada de novo pela gangue de Leo Burnham. Passara dias em uma cela na fortaleza de Leo, levava uma boa dose de pó de sono durante a grandiosa fuga com H., mas acordou no apartamento de seu salvador e o encontrou morto, caído no chão. O choque fora tão intenso que Noor não conseguira segurar a explosão de luz concentrada que irrompeu de dentro dela como uma bola de fogo (e que quase arrancou minha cabeça).

Quando achei que ela já estava um pouco melhor, compartilhei partes do que H. contara em seus últimos momentos: havia uma última matadora de etéreos viva, uma mulher chamada V., que poderia proteger Noor — eu só precisava levar a garota até ela. A única pista de seu paradeiro era um mapa antigo e desgastado que tínhamos encontrado no cofre de H. e algumas instruções grunhidas que recebemos de seu pavoroso ex-etéreo, Horatio.

Mas eu não tinha contado *por que* H. se esforçara tanto para ajudá-la, convocando a mim e aos meus amigos; por que ele lutara até a morte para libertá-la de Leo. Não tinha contado sobre a profecia. Não houvera muito tempo para conversar, considerando que estávamos fugindo desde que eu ouvira os capangas de Leo no corredor do prédio de H. Mas era mais que isso: eu não sabia se, somado a tudo que ela já descobrira, não seria informação demais de uma só vez.

Uma dos sete cuja vinda foi anunciada... Os emancipadores dos peculiares... A chegada de uma nova era. Uma era perigosa... Aquilo soava como os

delírios de algum cultista lunático. Depois de tudo que o mundo peculiar obrigara Noor a aceitar — sem mencionar os baques à sua sanidade —, tive medo de que aquela profecia confusa a fizesse fugir sem olhar para trás. Qualquer pessoa normal já teria feito isso há muito tempo.

Claro que Noor Pradesh era tudo, menos normal. Era peculiar. E, mais que isso, tinha bastante fibra.

Naquele momento, ela se aproximou e sussurrou:

— Então, quando conseguirmos escapar... Qual vai ser o plano? Para onde vamos?

— Vamos sair de Nova York — respondi.

Depois de uma breve pausa, veio a pergunta:

— Como?

— Não sei. De trem? De ônibus?

Eu não tinha pensado tão à frente.

— *Ab.* — Ela parecia um pouco desapontada com a ausência de um plano. — Você não pode... sei lá, nos transportar para longe com alguma mágica? Usando algum daqueles portais?

— Eles não funcionam assim. Quer dizer, acho que para alguns até funciona... — corriji, pensando nas conexões ao Polifendador —, mas teríamos que encontrar uma fenda temporal.

— E seus amigos? Você não tem... ninguém?

A pergunta me deixou com um aperto no peito.

— Eles nem sequer sabem que estou aqui.

E mesmo se soubessem..., pensei.

Senti que ela desanimou um pouco, então completei:

— Não se preocupe. Vou pensar em alguma coisa.

Em qualquer outro momento, o plano seria simples: encontrar meus amigos. Queria desesperadamente ir atrás deles. Meus amigos saberiam o que fazer; foram minha maior fonte de apoio desde que eu ingressara no mundo peculiar, e, sem eles, eu me sentia como um barco à deriva. Mas H. fizera questão de dizer que eu não deveria levar Noor para as *ymbrynes*. E, mesmo que não tivesse dito isso, eu não sabia se ainda *tinha* amigos — pelo menos, não como antes. O que H. fizera, o que eu estava fazendo naquele momento... era bem capaz de que aquilo tivesse acabado com qualquer chance de as *ymbrynes* restaurarem a paz entre os clãs. E com certeza causara danos irreparáveis à confiança de meus amigos.

Então estávamos sozinhos, o que resultava em um plano bem mais simples e idiota: fugir logo, pensar no que fazer e... contar com a sorte.

E se não fugíssemos depressa o bastante? Ou não tivéssemos tanta sorte? Talvez não houvesse outra chance de contar a Noor sobre a profecia, e ela passaria o resto da vida, fosse longa ou curta, sem saber por que estava sendo caçada.

Ouvi um baque alto não muito longe, e os homens de Leo voltaram a gritar. Não demoraria muito para nos encontrarem.

— Preciso contar uma coisa, Noor — sussurrei.

— Não dá para esperar?

Era o pior momento possível. Mas talvez fosse o único.

— Você precisa saber. Para o caso de termos que nos separar... ou se alguma coisa acontecer.

— Está bem. — Ela soltou um suspiro. — Pode falar.

— Isso vai soar muito ridículo, e quero que você saiba que eu sei que parece loucura. Antes de morrer, H. me contou sobre uma profecia.

Em algum lugar ali perto, um homem gritava em cantonês com os capangas de Leo, que respondiam em inglês. Ouvimos um tapa alto, um grito e uma ameaça abafada. Noor e eu ficamos tensos.

— Lá nos fundos! — gritou um dos brutamontes.

— A profecia é sobre você — continuei, os lábios quase tocando a orelha dela.

Noor tremia. As bordas da escuridão à nossa volta também tremelicavam.

— Mais o quê? — sussurrou ela.

Os capangas de Leo viraram a esquina e entraram no beco. Não houve mais tempo.



Eles vieram correndo na nossa direção, arrastando algum pobre comerciante. Os fachos das lanternas percorriam as paredes, refletindo nos aquários dos siris. Não me atrevi a sequer erguer a cabeça, com medo de acabar saindo dos limites da escuridão de Noor. Fiquei tenso, me preparando mentalmente para uma luta muito injusta.

De repente, eles pararam.

— Aqui só tem aquários — grunhiu um dos homens.

— Quem estava com ela? — perguntou um segundo sujeito.

— Um garoto, um moleque qualquer, não sei...

Ouvimos outro tapa, e o comerciante grunhiu de dor.

— Solta o cara, Bowers. Ele não sabe de nada.

O homem foi empurrado sem cerimônia na direção da entrada do beco. Ele tropeçou e caiu, mas logo se levantou e saiu correndo.

— Já desperdiçamos tempo demais aqui — anunciou o primeiro homem.

— A garota já deve estar longe. Junto com os malucos que a levaram.

— Acha que encontraram a entrada da fenda de Fung Wah? — perguntou um terceiro capanga.

— Talvez. Vou mandar Melnitz e Jacobs verificarem. Bowers, faça uma vistoria completa.

Contei as vozes: deviam ser quatro, talvez cinco. O tal Bowers passou direto por nós, a arma pendurada no coldre, bem diante dos nossos rostos. Olhei para cima sem mover a cabeça. Era um sujeito corpulento e usava terno escuro.

— Leo vai nos matar se não encontrarmos a garota — murmurou Bowers.

— Pelo menos estamos levando o acólito morto — retrucou o segundo. —

O que já deve servir de alguma coisa.

Meu corpo inteiro se enrijeceu. *Acólito morto?*

— Mas ele já estava morto quando o encontramos — retrucou Bowers.

— Leo não precisa saber disso — respondeu o segundo sujeito, rindo.

— Ah, o que eu não daria para ter matado aquele maldito... — resmungou Bowers, chegando ao fim do beco, à nossa direita, dando meia-volta e andando de novo em nossa direção. A lanterna passou pela escuridão de Noor e refletiu no aquário ao lado da minha cabeça.

— Pode ir lá chutar o corpo, se isso fizer você se sentir melhor — sugeriu o terceiro brutamontes.

— Não faço questão. Mas seria ótimo dar uns chutes naquela garota — grunhiu Bower. — Talvez até mais que isso. — Ele olhou para os outros. — Você viu como ela estava ajudando aquele acólito?

— Ela é só uma feral — retrucou o primeiro brutamontes. — Não sabe das coisas.

— Sim, é só uma feral! É disso que estou falando! — interveio o segundo homem. — Ainda não entendi por que estamos desperdiçando tanto tempo procurando ela. Tudo isso apenas para ter mais uma peculiar no clã?

— É que Leo não é muito de perdoar e deixar pra lá — explicou o primeiro.

Senti Noor se remexer ao meu lado. Ela respirou fundo, tentando se acalmar.

— Ah, vou mostrar a vocês como a garota é especial — retrucou Bowers.
— Só preciso de uns minutinhos a sós com ela.

O homem parou ao nosso lado e se virou bem devagar, passando a luz da lanterna pelas paredes e pelo chão. Meu olhar pousou no coldre da arma. O facho atravessou o aquário à nossa esquerda até parar exatamente acima de nós e se manteve a centímetros dos nossos rostos, incapaz de penetrar a escuridão.

Prendi a respiração, rezando para que estivéssemos escondidos até o último fio de cabelo. Bowers franziu a testa, como se estivesse estranhando alguma coisa.

— Bowers! — gritou alguém lá da entrada do beco.

Ele se virou, mas manteve a lanterna apontada para nós.

— Termine aqui e encontre a gente lá fora. Vamos fazer uma busca abrangendo uns três quarteirões a partir da fenda de Fung.

— E pegue uns siris gordos! — disse o primeiro brutamontes. — Vamos levar para o jantar. Talvez isso melhore o humor de Leo.

O facho de luz deslizou de volta para o aquário.

— Não sei como alguém consegue comer essas coisas... — grunhiu Bowers.
— São como aranhas do mar.

Os outros se afastaram. Estávamos sozinhos com aquele homem, parado a pouco mais de um metro do nosso esconderijo, olhando feio para os siris. Bowers tirou o paletó do terno e começou a dobrar as mangas da camisa. Bastava esperar um pouquinho, só uns minutinhos...

Noor agarrou meu braço. Estava tremendo.

A princípio achei que fosse só nervosismo causado pelo estresse, mas, quando notei sua respiração rápida e entrecortada, percebi que, na verdade, ela estava tentando segurar um espirro.

— *Por favor, não* — murmurei, sem emitir qualquer som, mesmo sabendo que ela não conseguia ver minha boca.

O tal Bowers enfiou a mão gorducha no aquário mais próximo, cheio de hesitação, e bateu em busca de um siri enquanto soltava uns grunhidos baixinhos, enojado, tentando não vomitar.

Noor ficou tensa, cerrando os dentes com tanta força na tentativa de conter o espirro que dava até para ouvi-los rangendo.

O brutamontes soltou um gratinho e tirou a mão do aquário. Com um palavrão, sacudiu o braço, desesperado. Um siri enorme estava agarrado a um de seus dedos.

Noor se levantou de repente.

— Ei, babaca! — chamou.

Bowers se virou para nós. Antes que ele pudesse falar qualquer coisa, Noor espirrou.

A explosão ecoou pelo beco. Toda a luz que Noor engolira escapou de uma vez, manchando a parede, o chão e a cara do sujeito com um verde radiante, envelopando-o em uma bola de luz intensa. Não era brilhante o bastante para machucar e nem de longe seria capaz de queimar, mas foi o suficiente para deixá-lo atônito e sem ação, com a boca aberta de espanto.

O pequeno bolsão de escuridão que nos envolvia desapareceu de repente. O brutamontes gritou. Por um momento, ficamos ali, congelados, como se paralisados por um feitiço: eu agachado no chão; Noor de pé ao meu lado, cobrindo o nariz e a boca com a mão; e Bowers com a mão erguida, o siri ainda pendurado em um dedo. Então eu me levantei de repente, e o feitiço se quebrou. O sujeito tentou bloquear a saída do beco e levou a mão livre à arma que tinha no coldre.

Parti para cima dele antes que conseguisse atirar. Nós dois caímos no chão e lutamos pela pistola. Levei uma cotovelada na testa, e uma dor aguda se espalhou pelo meu corpo. Noor veio por trás e golpeou o braço do brutamontes com um cano de ferro que encontrara por ali. Bowers nem piscou. Ele espalmou as mãos no meu peito e me empurrou para longe.

Corri na direção de Noor, querendo afastá-la do brutamontes, que deu dois tiros assim que a alcancei. O barulho foi inacreditável; não parecia um estalido, e sim uma explosão. O primeiro tiro ricocheteou na parede. O segundo estilhaçou o aquário ao lado de Bowers. O vidro de repente se desfez em mil pedaços, espalhando água, siris e cacos por todo canto. Os inúmeros aquários empilhados em cima daquele se inclinaram lentamente até tombarem para o lado, deslizando pelo beco. O que estava no topo explodiu ao acertar uma pilha de aquários junto à parede oposta, e os outros se despedaçaram em cima de Bowers. Cada um devia ter quase três litros de água, e o peso combinado devia ser de quase uma tonelada, porque, naqueles três segundos, Bowers foi esmagado e quase se afogou. A queda provocou uma reação em cadeia que derrubou praticamente todos os aquários, criando uma enorme explosão de vidro e barulho, libertando os crustáceos de sua prisão em um tsunami de água fétida que assolou o beco inteiro e carregou a Noor e a mim.

Nós tossimos, meio engasgados. A água era nojenta. A visão de Bowers era de arrepiar. O rosto estava completamente estraçalhado e reluzia com uma

luz verde. O corpo inerte fervilhava de siris em desespero. Desviei o olhar e fui abrindo caminho pelos destroços até Noor, que fora empurrada para longe pela onda.

— Tudo bem aí? — perguntei, ajudando-a a se levantar, verificando se não havia algum corte grave.

Ela examinou o próprio corpo sob a luz fraca.

— Ainda tenho braços e pernas. E você?

— Também. Mas é melhor irmos embora. Os outros já devem estar chegando.

— É. Essa barulheira deve ter sido ouvida até na China.

Demos os braços um para o outro, em busca de apoio, e avançamos o mais depressa possível para a saída do beco, onde uma placa neon em formato de siri zumbia e piscava.

Não tínhamos avançado nem três metros quando ouvimos passos pesados se aproximando.

Eu e Noor congelamos. Duas pessoas, talvez mais, avançavam na direção do beco. Tinham mesmo ouvido.

— Vamos! — chamou Noor, me puxando para a frente.

— Não... — Continuei parado, plantando os pés no chão. — Eles estão perto demais. — Os homens de Leo chegariam a qualquer segundo. Além disso, o beco era longo demais e estava coberto de cacos de vidro. Nunca conseguiríamos sair dali a tempo. — Temos que nos esconder de novo.

— Temos que *lutar* — corrigiu ela, juntando o pouco de luz que havia sobrado, o que não era muita coisa.

Aquele também tinha sido meu primeiro instinto, mas eu sabia que seria um erro.

— Se tentarmos lutar, eles vão atirar, e não posso permitir que você leve um tiro. Vou me entregar e dizer que você conseguiu fugir...

Noor balançou a cabeça com veemência.

— De jeito nenhum. — Mesmo no escuro, vi seus olhos faiscarem. Ela deixou a bolinha de luz que juntara se dissipar e pegou dois longos cacos de vidro do chão. — Ou lutamos juntos, ou seremos capturados juntos.

Soltei um suspiro de frustração.

— Então vamos lutar.

Nós nos preparamos, segurando os cacos de vidro como facas. Os passos soavam cada vez mais altos, tão próximos que já era possível ouvir a respiração ofegante das pessoas que se aproximavam.

Então eles chegaram.

Uma silhueta surgiu na entrada do beco, delineada pela luz da placa neon. Uma pessoa baixa e robusta, de ombros largos... parecia familiar, mas não consegui identificar quem era.

— Sr. Jacob? — chamou uma voz que reconheci. — É você?

A luz tremeluziu no rosto dela, iluminando o maxilar forte e quadrado, os olhos gentis. Por um momento, achei que estivesse sonhando.

— Bronwyn? — indaguei, quase gritando.

— É você mesmo! — gritou ela, o rosto se abrindo em um sorriso enorme.

Ela correu na minha direção, desviando dos cacos de vidro no chão. Larguei o meu apenas segundos antes de Bronwyn me envolver em um abraço apertado que me deixou sem ar.

— Essa é a srta. Noor? — perguntou, por cima do meu ombro.

— Oi — cumprimentou Noor, meio atordoada.

— Então você conseguiu! — exclamou Bronwyn. — Fico tão feliz!

— O que está fazendo aqui? — consegui perguntar, mesmo espremido.

— Ora, nós poderíamos perguntar a mesma coisa! — retrucou outra voz familiar. Quando Bronwyn me soltou, vi Hugh se aproximando. — Caramba, o que aconteceu?

Primeiro Bronwyn, agora Hugh. Fiquei até tonto.

Minha amiga me botou de volta no chão.

— Não importa, Hugh! Ele está bem! E está com a srta. Noor.

— Oi! — repetiu Noor. E acrescentou, mais que depressa: — Então, tem uns quatro caras armados vindo para cá...

— Eu acertei dois na cabeça — interrompeu Bronwyn, erguendo dois dedos.

— E eu afugentei dois com minhas abelhas — disse Hugh.

— Mas outros estão vindo — retruquei.

Bronwyn pegou no chão uma barra de metal que parecia bem pesada.

— Então é melhor não nos demorarmos por aqui, não é mesmo?



O mercado de peixes subterrâneo era um labirinto confuso, mas demos nosso melhor para desbravar as curvas e os recantos misteriosos, pensando para lembrar exatamente como tínhamos chegado a alguma curva ou corredor e quais ideogramas chineses significavam *sáida*. O lugar era ao mesmo tempo enorme e

estreito, entupido de caixas e mesas, as lojas delimitadas por divisórias de lona. Aqui e ali, instalações elétricas irregulares balançavam sobre nossas cabeças, um verdadeiro ninho de fios e lâmpadas. O lugar estava bem cheio mais cedo, mas os capangas de Leo tinham feito um bom trabalho esvaziando as ruas.

— Tentem não ficar para trás! — gritou Bronwyn, por cima do ombro.

Corremos atrás dela, passando por baixo de uma mesa cheia de polvos que ainda se remexiam, então a seguimos por uma ruela com caixas de peixe soltando vapor de gelo seco. Virando à esquerda em uma junção com outra ruela, encontramos dois capangas. Um estava caído no chão e o outro tentava acordá-lo com tapinhas no rosto. Bronwyn sequer diminuiu o passo, e o sujeito agachado ergueu os olhos, surpreso, no instante em que ela acertou um chute em sua cabeça. Ele ficou caído junto do companheiro.

— Sinto muito! — gritou Bronwyn, olhando para trás.

Em resposta, ouvimos dois gritos do outro lado do mercado. Outros dois capangas tinham nos encontrado e avançavam em nossa direção. Fizemos uma curva brusca e subimos correndo uma escadaria estreita, então abrimos uma porta com força e saímos daquele lugar. Depois de termos ficado tanto tempo na penumbra, a luz do dia era ofuscante. De repente nos vimos em uma calçada movimentada no presente, bem na hora do rush. Carros, pedestres e vendedores ambulantes se espalhavam por todos os lados, passando apressados por nós em um turbilhão estonteante.

Escapar discretamente em meio à multidão é uma verdadeira arte. Não é fácil se safar da morte sem atrair atenção, tentando parecer não estar envolvido em nada mais dramático que uma corridinha de fim de tarde — ainda mais se duas das pessoas estão encharcadas da cabeça aos pés e as outras duas estão vestidas com roupas do século XIX, os quatro verificando cada beco e olhando para todos os lados, nervosos. E parece que não éramos muito bons nisso, já que estávamos atraindo mais olhares do que dois adolescentes fantasiados e dois adolescentes molhados mereciam, ainda mais em Nova York, onde as calçadas eram lotadas de gente estranha.

Atravessamos a rua sem ao menos prestar atenção aos carros, ignorando sinais vermelhos e placas de PROIBIDA A PASSAGEM DE PEDESTRES. Às vezes, esperávamos uma pausa no trânsito para passar, e, em outras, só atravessávamos correndo, no desespero, deixando que os carros buzinassem e desviassem de nós, já que um atropelamento seria melhor do que sermos arrastados de volta à fenda de Leo. Seus capangas eram mais persistentes que tosse de fim de res-

friado, e nos acompanharam pela parte mais desolada de Chinatown, seguindo-nos pelas ruas turísticas de Little Italy, o bairro vizinho. Quase nos alcançaram quando ficamos presos na faixa do meio da movimentada rua Houston. Era fácil identificá-los pelos ternos antiquados. Por fim, quando eu já estava começando a me perguntar quanto mais conseguiria correr, Noor apertou um pouco o passo para alcançar Bronwyn e a puxou para uma esquina. Hugh e eu fomos atrás. Logo depois, Noor puxou minha amiga de novo, dessa vez entrando em uma loja aparentemente aleatória. Era uma mercearia apertada que vendia cerveja, frutas secas, grãos e especiarias.

O dono gritou alguma coisa quando passamos correndo, e vimos dois dos capangas de Leo entrarem em disparada atrás da gente. Noor nos guiou por um corredor estreito até uma porta que levava ao depósito, dando um susto em um funcionário na sua pausa para o cigarro no processo, e finalmente por uma porta de metal vaivém que dava para um beco cheio de lixeiras.

Parecia que tínhamos despistado os perseguidores, e nos permitimos um momento de pausa para recuperar o fôlego. Bronwyn mal suara, mas Noor, Hugh e eu estávamos acabados.

— Você pensou rápido — elogiou Bronwyn, impressionada.

— É — concordou Hugh. — Está de parabéns.

— Obrigada — respondeu Noor. — Essa não é minha primeira fuga.

— Acho que estamos seguros aqui, pelo menos por um tempinho — comentou Hugh, entre uma respiração ofegante e outra. — Vamos esperar um pouco, para que pensem que estamos longe, aí voltamos a correr.

— Talvez eu deva perguntar aonde vocês estão nos levando — comentei.

— Eu também adoraria saber — concordou Noor, erguendo uma das sobancelhas.

— De volta para o Recanto — explicou Hugh. — A fenda de entrada mais próxima não é muito agradável, mas não é longe...

Eu não conseguia tirar os olhos dos meus amigos. Parte de mim passara tanto tempo com medo de não vê-los outra vez — ou, se os visse, de que fingiriam que não me conheciam.

Hugh me deu um soco no braço.

— Ei! Por que fez isso?

— Por que você não contou que ia sair em uma missão de resgate impulsiva? Noor nos encarava, boquiaberta.

— Eu *tentei!* — retruquei.

— Ah, mas não tentou tanto assim, não é mesmo? — respondeu Bronwyn.

— Eu dei várias indiretas! — insisti, na defensiva. — E vocês deixaram bem claro que não queriam ajudar.

Hugh parecia prestes a me socar de novo.

— Talvez não quiséssemos mesmo, mas *com certeza* ajudaríamos.

— Nunca deixaríamos você fazer uma coisa dessas sozinho — falou Bronwyn, parecendo brava de verdade. — Quase morremos de preocupação quando descobrimos que você tinha sumido! — Ela se virou para Noor, balançando a cabeça. — Esse garoto maluco estava de cama, doente, até ontem. Achamos que tinha sido sequestrado no meio da noite!

— Para ser sincero, eu não sabia se vocês iam se importar com a minha ausência — expliquei.

— Jacob! — Bronwyn arregalou os olhos. — Depois de tudo que passamos juntos? Que coisa horrível de se dizer.

— Eu avisei que ela é sensível... — Hugh balançou a cabeça. — Caramba, você tem que dar um pouco mais de crédito aos seus velhos amigos, cara!

— Desculpa — disse, sem graça.

— Estou falando *sério*!

Noor se inclinou para perto de mim e sussurrou:

— *Então você não tem amigos, é?*

— Não sei o que dizer. — Meu coração de repente estava tão cheio que parecia ter ocupado o espaço das palavras em meu cérebro. — Só sei que estou muito feliz de ver vocês.

— Nós também — disse Bronwyn, me abraçando de novo.

Dessa vez, Hugh também entrou no abraço.

De repente, um tiro ecoou no ar, vindo de uma das entradas do beco. Levamos um susto. Quando nos separamos, vimos dois homens de terno correndo em nossa direção.

Nosso tempo de descanso não tinha durado muito.

— Venham! — chamou Noor. — Vamos despistar esses caras no metrô.



Desci a escada do metrô em disparada, três degraus de cada vez. Hugh foi deslizando pelo corrimão de metal. A estação estava cheia, e abrimos caminho aos trancos pela horda de passageiros da hora do rush. Noor se preparou para

pular a roleta, mas antes se virou e gritou para que fizessemos o mesmo. Nós a seguimos.

Chegamos à plataforma e continuamos correndo. Quando olhei para trás, vi que os capangas de Leo estavam longe, mas que continuavam nos perseguindo. Noor parou, apoiou uma das mãos no chão e pulou para os trilhos. Ela gritou alguma coisa sobre um terceiro trilho, mas sua voz se perdeu no ruído de um súbito anúncio nos alto-falantes da estação.

Não tínhamos escolha senão segui-la.

— Vocês vão acabar morrendo! — gritou alguém atrás da gente.

A pessoa provavelmente tinha razão, mas, naquele momento, parecia a melhor opção. Disparamos pelos quatro conjuntos de trilhos, tropeçando em reen-trâncias ocultas e áreas desgastadas. Foi quando me ocorreu que Noor obviamente já tinha feito aquilo, que ela conhecia a cidade como a palma da mão e que alguém tão difícil de capturar devia ter muita experiência em fugir. Eu me perguntei *por que* e *do que* ela tanto fugira. Vi o trem se aproximando e torci para ter a chance de fazer essa pergunta a ela em outro momento.

Quando Hugh e eu cruzamos o último trilho, o trem já estava desconfortavelmente perto, o vento e o barulho mais intensos a cada segundo. Bronwyn e Noor nos ajudaram a subir para a plataforma oposta instantes antes de o trem passar tropejando, os freios guinchando como uma criatura do inferno.

Momentos depois, os vagões regurgitaram os passageiros. De repente, parecia haver mil pessoas na plataforma, mas, por fim, conseguimos abrir caminho por entre elas aos empurrões e embarcar. Ficamos agachados no chão do vagão quase vazio, para não sermos vistos, até que as portas se fecharam.

— Minha nossa... — comentou Bronwyn, parecendo preocupada. — Espero que o trem esteja indo no sentido certo...

Noor perguntou qual seria o sentido certo, e a resposta a deixou com uma expressão de surpresa.

— Olha só que sorte. É na próxima estação — explicou.

Era impressionante. De nós quatro, ela era a que menos sabia sobre o que estava acontecendo, mas sua atitude calma e cheia de certeza já a colocara na liderança.

Um anúncio ecoou nos alto-falantes, e o trem saiu da estação.

— Como vocês me encontraram? — perguntei.

— Emma descobriu onde você devia estar, depois de toda aquela conversa sobre *ela* — explicou Hugh, indicando Noor com a cabeça. — Aliás, é um prazer finalmente conhecê-la. Eu me chamo Hugh...

Ele apertou a mão de Noor.

— No fim das contas, foi até fácil encontrar você — explicou Bronwyn. — Ah, e tivemos um pouco de ajuda de um cachorro. Você se lembra de Addison?

Assenti.

— Os puxa-sacos do Sharon, lá no Polifendador, rastream seu trajeto até Nova York, e o nariz de Addison farejou você até o mercado.

Bendito seja aquele cachorro, pensei. Estava perdendo a conta de quantas vezes ele arriscara a vida por nós.

— Daí foi fácil encontrar você — falou Bronwyn. — Foi só seguir a gritaria.

— Foi a srta. Peregrine que mandou vocês? — perguntei.

— Não — respondeu Hugh. — Ela não sabe que viemos.

— Mas já deve ter descoberto, a essa altura — disse Bronwyn. — Ela é muito boa em saber das coisas.

— Achamos que atrairíamos muita atenção se mais gente viesse.

— E tiramos no palitinho — explicou Bronwyn. — Eu e Hugh ganhamos. — Ela olhou para o amigo. — Acha que a srta. Peregrine vai ficar brava com a gente?

Hugh fez que sim enfaticamente.

— Vai ferver de raiva. Mas também vai ficar orgulhosa. Isso se conseguirmos chegar em casa inteiros.

— Em casa? Onde fica a casa de vocês? — perguntou Noor.

— Em uma fenda para a Londres do fim do século XIX chamada Recanto do Demônio — explicou Hugh. — Bem, é o mais próximo que temos de um lar.

Noor franziu a testa.

— Pelo nome, parece um lugar ótimo.

— É bem rústico, mas tem seu charme. E é melhor do que andar por aí com uma mala.

Noor não pareceu muito convencida.

— E é um lugar para pessoas como vocês?

— Para pessoas como *nós* — corrigi.

Ela não esboçou reação — ou pelo menos não tentou fazer isso, mas vi uma fagulha em seus olhos. Talvez uma ideia que estivesse começando a se instalar em sua mente. *Nós*.

— Você estará segura lá — disse Bronwyn. — Não vai ter nenhum capanga armado atrás de você... nada de helicópteros...

Eu estava prestes a concordar, mas então me lembrei do aviso de H. sobre as *ymbrynes* e da minha última conversa com a srta. Peregrine, que alegara que,

às vezes, precisávamos fazer certos sacrifícios em nome de um bem maior — e um desses sacrifícios era a própria Noor.

— E todas aquelas coisas que H. nos pediu para fazer?

Noor tinha baixado um pouco a voz, insegura, para o caso de Bronwyn e Hugh não saberem — ou não poderem saber — sobre aquilo.

— Que *todas aquelas coisas* são essas? — perguntou Hugh.

— Antes de morrer, H. revelou algumas coisas sobre Noor e as pessoas que estão atrás dela e disse que precisávamos encontrar uma mulher chamada V. E que tinha coisas importantes nessa história que só essa tal de V. sabe.

— V.? Não é aquela matadora de etéreos que seu avô treinou? — perguntou Bronwyn.

Bronwyn estava na fenda dos sensitivos na primeira vez que ouvi falar em V. Claro que ela lembrava.

— Essa mesma — respondi. — E H... Ou melhor, o espectro do H. nos entregou um mapa com instruções para encontrá-la...

— O *espectro* do H.? — indagou Bronwyn, chocada.

Peguei o mapa estropiado do bolso e mostrei a eles.

— Acontece que ele não era mais um espectro quando contou. Estava se transformando em alguma outra coisa.

— Em um acólito? — indagou Hugh. — Que é a única coisa em que espectros *podem* se transformar?

Noor me encarou, confusa.

— Você disse que os acólitos eram nossos inimigos.

— E são. Mas H. era *amigo* desse espectro em particular...

— Essa história toda está cada vez mais surreal — comentou Noor.

— Eu sei. Por isso acho que é melhor irmos com eles para o Recanto do Demônio — respondi. — Precisamos de ajuda, e todos os peculiares que eu conheço e confio estão lá.

A possibilidade de meus amigos algum dia voltarem a confiar em mim, ou de estarem dispostos a me ajudar depois do que eu os fizera passar era outra questão, completamente diferente. Mas eu precisava tentar. Precisava deles, e o aviso de H. que se danasse.

Se a srta. Peregrine fosse mesmo capaz de mandar a garota que tínhamos acabado de resgatar de volta para as mãos de seus captores por algum motivo político — por *qualquer* motivo, na verdade —, então ela não era a pessoa que eu achava que conhecia. E, se eu não pudesse manter Noor longe do perigo

em uma fenda cheia de aliados, como poderia ajudá-la a desbravar a selva da América peculiar?

— Millard é especialista em cartografia — comentou Bronwyn.

— E Horace é um profeta — acrescentei. — Pelo menos às vezes.

— É, tem isso — disse Noor, virando-se para mim. — Você não terminou de contar sobre essa história de profecia.

A profecia. Eu queria contar em particular, não na frente dos outros. E, pelo que parecia, não estávamos mais em perigo iminente.

— Isso pode esperar — respondi.

Hugh e Bronwyn me encararam, curiosos.

— Se você diz... — retrucou Noor, já começando a soar impaciente.

O trem começou a frear. Estávamos chegando à estação.



Corremos para fora da estação de metrô, de volta às ruas iluminadas pelo sol. Noor ajudou Bronwyn a se localizar.

— Não é muito longe — prometeu minha amiga, guiando-nos, atravessando em diagonal as quatro faixas de uma rua movimentada, as buzinas soando a toda.

Cortamos caminho por uma quadra de basquete, atrapalhando o jogo, passamos por uma área verde tristonha assomada por edifícios residenciais gigantescos. A vizinhança ia ficando mais decadente, velha e enferrujada a cada quadra, até que finalmente nos vimos à sombra de um enorme prédio de tijolinhos cercado de andaimes, isolado da rua por uma grade de metal encoberta por lonas verdes. Bronwyn parou e afastou uma das lonas, revelando um buraco na cerca. Noor e eu trocamos olhares hesitantes.

Bronwyn e Hugh passaram pelo buraco.

Ele enfiou a cabeça de volta pela abertura, perguntando:

— Vocês vão vêm?

Noor fechou os olhos com força por um momento — sem dúvida travando uma disputa contra alguma vizinha que perguntava *O que diabo estou fazendo?* — e entrou. Ela talvez não acreditasse, mas era comum que eu travasse essa mesma batalha interior. Uma voz dentro de mim gritava *O que diabo está fazendo?* quase todo dia desde que tinha ido para o País de Gales em uma busca às cegas por fantasmas de fotos antigas. Eu estava ficando cada vez melhor em ignorá-la, e a voz estava cada vez mais baixa, mas não me abandonava.

Do outro lado da cerca havia um mundo completamente diferente — ou pelo menos bem mais triste e sombrio. Atravessar aquele buraco tinha sido como retirar a mortalha de um cadáver. O prédio tinha sido construído havia muito tempo, então fora largado às traças. Fiquei parado na grama alta e me permiti um longo suspiro para absorver toda a paisagem: dez andares, da largura de um quarteirão, com todas as grandes vidraças quebradas, os tijolos arranhados e manchados pelas vinhas e trepadeiras mortas havia bastante tempo. Enormes degraus levavam a uma porta com batente de ferro trabalhado com curvas ostensivas. Acima, entalhadas em uma pesada placa de mármore, estavam as palavras HOSPITAL PSIQUIÁTRICO.

— Faz sentido — murmurou Noor. — Devo mesmo estar ficando doida.

— Não está. — Eu esperava ansiosamente por esse momento, quando ela enfim começaria a absorver tudo. — Sei que parece, mas juro que não está.

Bronwyn e Hugh estavam uns cinco metros à frente, gesticulando cada vez com mais urgência para que os seguíssemos.

Noor não olhava para mim.

— Eu fui drogada. Comi um cogumelo alucinógeno. Estou em coma. Isso é tudo um sonho. — Ela esfregou o rosto. — Qualquer coisa faz mais sentido do que...

Interrompi:

— Olha, não tenho como provar que isso não é um sonho. Mas sei muito bem o que você está sentindo.

Bronwyn corria de volta na nossa direção, murmurando, sem som: *Vamos, vamos, vamos.*

A cerca se sacudiu às nossas costas, e ouvimos um palavrão. Então outra voz disse:

— Eu sei que tem uma passagem por aqui.

E a primeira voz grunhiu em resposta.

Eram dois dos capangas de Leo. Tinham nos seguido até ali.

Se Noor ainda cogitava outra possibilidade, a sacudida na cerca apagou qualquer ideia de sua mente.

Corremos pela grama alta junto de Bronwyn e Hugh e subimos os degraus, passando tão rápido pelas placas que quase não dava para ler, mas vi os alertas de PRÉDIO INTERDITADO e PROIBIDA A ENTRADA. Fomos até uma porta que tinha sido fechada com tábuas de madeira, mas alguém abrira um buraco à força; as lascas da madeira quebrada e os pregos dobrados pareciam os

dentes de uma boca arreganhada tentando nos devorar enquanto nos contorcíamos para passar, mais uma vez adentrando um lugar de onde talvez nunca mais sairíamos.



O prédio estava tão escuro e cheio de tralha que não dava para correr lá dentro, não sem nos machucarmos feio em algum obstáculo afiado ou tropeçarmos em alguma reentrância do chão irregular. Avançamos de lado, como siris, deslizando os pés em passos largos, balançando os braços à frente do corpo. Seguimos Hugh e Bronwyn, que estavam familiarizados com o lugar. Ouvíamos os capangas de Leo, que já tinham passado pela cerca e atravessavam o jardim a passos pesados. Bronwyn bloqueara a passagem da porta com uma geladeira velha — que parecia ter sido deixada ali perto justamente para esse propósito —, mas sabíamos que isso não atrasaria muito aqueles brutamontes.

Demos de cara com um cômodo enorme, iluminado apenas pelo pouco de luz que entrava pelas vidraças imundas das janelas fechadas com tábuas — ao menos agora conseguíamos ver alguma coisa. Desviamos de poltronas cobertas de mofo e pilhas aterradoras de equipamento médico enferrujado, os pés chafurdando em um mar raso de água com aparência tóxica que cobria todo o chão.

Noor cantarolava baixinho para si mesma. Olhei feio para ela, que parou, se explicando:

— É só um tique nervoso que eu tenho.

Saltei um buraco onde o chão tinha desabado, então estendi a mão para ajudá-la a pular.

— E tem por que estar nervosa? — perguntei, abrindo um sorriso irônico.

Noor aceitou minha mão e saltou também, mas não riu.

— Por favor, diga que esse lugar tem uma saída.

— Melhor que isso — interveio Hugh, olhando para trás. — É uma passagem para o Polifendador.

Antes que Noor pudesse responder, ouvimos um som tão misterioso e incomum que fiquei todo arrepiado: um acorde amargo e dissonante de música sem melodia. Dando a volta em uma pilha de colchões encharcados e amarelados, encontramos a fonte do som: um piano vertical destruído caído de costas no chão, bloqueando a única outra saída da sala, que dava para um corredor cheio de portas. As vísceras do instrumento tinham sido arrancadas e pregadas

em vários pontos da entrada do corredor, as cordas pesadas se erguendo como tufo de pelos metálicos arrepiados. Para sair dali, teríamos que escalar o piano e nos espremer por entre as cordas — e alguém já tinha feito aquilo, provocando o acorde horrível que tínhamos ouvido. O que significava que alguém acabara de sair da sala... ou que havia alguém ali com a gente.

De repente, uma silhueta saiu de trás de uma incubadora de bebês caída de lado, não muito longe dali.

— Ah. São vocês.

Era uma pessoa com a cara coberta por fios tão grossos que só podia ser pelo. Ela nos encarou com um sorriso bobo.

Canino.

— Voltaram rápido, hein? — comentou, encarando meus amigos.

— É, mas não podemos ficar — respondeu Bronwyn.

— Temos que ir agora mesmo — explicou Hugh.

Canino se apoiou no piano.

— A taxa de saída é duzentos dólares.

— Você disse que a taxa também valia para a volta! — retrucou Hugh, irritado.

— Deve ter ouvido errado. Você parecia mesmo com muita pressa, quando eu estava explicando os valores...

Ouvimos um grito distante, seguido de um ruído de metal arrastando na pedra. Estavam empurrando a geladeira.

Canino inclinou a cabeça na direção do barulho.

— O que é isso? Vocês se meteram em problemas, é?

— Sim — retruquei, irritado. — Tem alguém nos perseguindo.

— Ah, não... — comentou ele, estalando a língua. — Isso vai ter um custo extra. Teremos que despistar os perseguidores, inventar uma desculpa... Ei, esses não são os capangas do Leo? Parecem bem irritados...

— Tá bom. A gente paga — interveio Bronwyn.

Nossa vontade era empurrá-lo para fora do caminho, mas sabíamos que Canino poderia nos causar uma infinidade de problemas, se quisesse.

— Quinhentos — decidiu ele.

O ruído de metal arrastando na pedra voltou, dessa vez mais longo. Estavam fazendo progresso com a geladeira.

— Só tenho quatrocentos — disse Hugh, remexendo nos bolsos.

— Que pena.

Canino se virou para ir embora.

— A gente paga amanhã! — tentou Bronwyn.

O peculiar peludo se virou de volta para nós.

— Amanhã vão ser setecentos.

Ouvimos um baque alto de algo se quebrando. Eles tinham entrado.

— Está bem! Aceitamos! — exclamou Hugh, com uma abelha agitada escapando dos lábios.

— E é bom não atrasar. Odiaria ter que mostrar essa portinha secreta para eles.

Bronwyn e Hugo deram todo o dinheiro que tinham. Canino contou as notas devagar, com uma exatidão excruciante, depois as enfiou no bolso. Ele subiu no piano e puxou uma alavanca lá dentro, então passou sem ruído pelas cordas emudecidas. Nós o seguimos, e, quando chegamos ao outro lado, Canino empurrou a alavanca de volta ao lugar.

O piano era, na verdade, um alarme.

O peculiar nos mostrou o caminho. Seguimos depressa atrás dele, cruzando um longo corredor. Depois de nos extorquir, Canino tinha acelerado o passo, mas o corredor parecia se estender infinitamente.

No meio do caminho, um grupo de peculiares saiu de uma das portas e começou a nos acompanhar. Tinham aparências bem incomuns, mesmo para os padrões dos peculiares, e Noor se sobressaltou quando os viu, quase engasgando de surpresa. Uma mulher sem pernas — ou talvez com pernas invisíveis — flutuava atrás de nós, a barra do sobretudo drapejando no ar abaixo dela.

— Ah, queridinha, não vamos machucar você... — disse a mulher, numa voz baixa e melodiosa. — Vamos ser amigas.

— *Amigas* acho que não — retrucou uma garota que devia ser meio javali, com duas presas e um focinho despontando do rosto. — Mas, se pagar bem, não seremos inimigas.

Depois apareceu outra mulher sem pernas — essa parecia incapaz de flutuar, já que avançava impulsionando o corpo com as mãos, dando grandes saltos. Com a agilidade de um gato, ela saltou para os braços robustos da garota-javali, já estendidos para recebê-la. Só então pude vê-la com clareza: não faltavam apenas as pernas, mas também o quadril, a cintura e metade do tronco. O pouco que havia do corpo — assim como a blusa de cetim preto — acabava em uma linha reta logo acima do umbigo.

— Eu sou a Meia-Hattie — apresentou-se, batendo continência. — Cadê a famosa peculiar feral?

— Não use esse termo! — ralhou um garoto adolescente com um furúnculo enorme e pulsante no pescoço. — É pejorativo.

— Está bem, quem é a famosa peculiar que ainda não foi encontrada?

— Bem, ela já foi encontrada — interveio Canino. — E essa daí teve que aprender rápido.

A garota-javali bufou, deixando escapar uma risadinha.

— Mas não aprendeu tão rápido assim, olha só a cara dela!

Noor cerrara os dentes e, pela expressão determinada, só estava conseguindo se mover por pura força de vontade.

— Essas criaturinhas curiosas são os Intocáveis — explicou Canino, virando-se para andar de costas por um tempo, como um guia turístico. — Aqueles que nenhum clã quis reivindicar.

— Peculiares demais para se passarem por normais — explicou Hattie.

— Os peculiares mais apavorantes, inefáveis e nojentos que existem! — falou o garoto do furúnculo, parecendo orgulhoso.

— *Eu* não acho vocês nojentos — comentou Bronwyn.

— Retire já o que disse! — disparou a garota-javali, ofendida.

Canino girou pelo corredor como um dançarino, saracoteando por uma porta aberta.

— E este é nosso *sanctum sanctorum*. Bem, pelo menos a entrada dele.

Seguimos o peculiar peludo porta adentro, mas Noor e eu não conseguimos evitar: paramos de repente com os olhos arregalados. Uma maca de metal ocupava o centro do cômodo, e a parede dos fundos era coberta por uma colmeia de portas de refrigeradores. Aquilo era mais que um beco sem saída: era o necrotério do asilo.

— Está tudo bem. — Bronwyn tentou tranquilizar Noor, em um tom gentil mas urgente. — Ninguém vai morrer.

— Ah, nem pensar! — retrucou Noor, recuando. — Não tem *a menor chance* de eu me esconder em uma dessas coisas.

— Ninguém vai *se esconder* nos refrigeradores — comentou Hugh. — Vamos viajar entre fendas.

— A mocinha não gostou, é? — provocou a garota-javali. — Ficou com medinho?

Os Intocáveis começaram a gargalhar da soleira da porta atrás da gente.

Noor já tinha saído do necrotério e entrado por outra porta do corredor, a única alternativa além de voltar pelo caminho de onde viéramos.

Bronwyn e Hugh fizeram menção de ir atrás dela, mas eu os impedi.

— Deixa que eu falo com ela.

Já seria difícil de convencer qualquer um, peculiar ou não, a entrar no refrigerador de um necrotério, mas era ainda pior para uma pessoa tão nova nesse mundo. Eu mesmo não estava muito empolgado com a ideia.

Atravessei o corredor depressa e juntei-me a Noor no outro cômodo. Havia um catre de metal sem colchão, iluminado apenas pela claridade que entrava por entre as frestas de uma janela coberta de tábuas. Os cantos do aposento estavam cheios de itens descartados que deviam ter pertencido às pessoas que viveram e morreram naquela instituição. Malas, sapatos...

Noor estava agitada, virando-se de um lado para o outro.

— Eu jurava que tinha visto uma porta aqui. Quando passamos correndo mais cedo...

— Não tem nenhuma outra saída — comecei a explicar, mas então vi a tal porta. E perguntei, com um aperto no peito: — Você estava falando disso aqui?

Ela se virou para olhar. Quando enfim compreendeu, pareceu prestes a cair no choro. A porta era parte de um mural, uma *trompe l'oeil* com uma porta pintada.

Ouvimos o clangor do piano uma, duas, três vezes. Os capangas de Leo tinham passado.

— Temos uma escolha — expliquei. — Ou ficamos aqui...

Mas Noor não estava ouvindo. Estava concentrada na janela bloqueada, na luz do sol que entrava pela fresta.

Tentei de novo:

— Ou ficamos aqui e esperamos até nos encontrarem, o que *com certeza* vai acontecer...

Noor passou as mãos no ar, mas só conseguiu produzir rastros finos de escuridão, que a luz logo preencheu de volta. Eu já tinha visto algo assim acontecer. As habilidades de alguns peculiares são como músculos, e podem se esgotar e se exaurir por um tempo. Outras não funcionam tão bem sob pressão.

Ela se virou para me encarar.

— Ou eu posso confiar em você.

— Sim — respondi, tentando incentivá-la a vir até mim com cada fibra do meu ser. — Em mim e nesses esquisitões.

Os capangas de Leo avançavam ruidosamente pelo corredor, vasculhando as salas, sacudindo portas trancadas.

da sala foi de grande ajuda, e entrei antes que me alcançassem, me remexendo para avançar o mais rápido possível.

Senti alguém segurar meu pé, mas consegui chutar a mão para longe. Ouvi sons de luta às minhas costas, seguidos de um baque abafado, e um dos brutamontes gritou. Olhei para trás e vi um dos capangas de Leo caindo no chão após ser acertado na cabeça pela garota-javali, que segurava um pedaço de madeira.

Dava para ouvir Noor em algum lugar à frente, grunhindo enquanto se arrastava apoiada nos cotovelos, avançando cada vez mais na escuridão. Forcei o corpo para a frente e fui deslizando sem esforço. O túnel estava besuntado de alguma coisa e era ligeiramente inclinado, então, depois de alguns metros, a velocidade foi aumentando. Imaginei que aquilo fosse um pouco como nascer, só que mais rápido e muito mais demorado. Ouvi Noor gritar. Senti que era puxado através de alguma coisa — não pela mão de alguém, mas por uma força incorporada que afetava meu corpo inteiro, mais ou menos como a gravidade. Senti meu coração acelerar e a tão familiar fisgada no estômago.

Estávamos atravessando.